

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 643

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECCULO

ARCINCO

CADA QUAL para o que NASCE

por ISOLDINA

O ferro eléctrico e o aparelho de Rádio, andavam, há muito, desavinados. A mamã Dona Tomada não conseguia, com seus conselhos, apaziguar os ânimos. Às vezes, quando, refastelados em fôfas poltronas, os donos da casa saboreavam um

bocadinho de música, a menina Loló queria, á viva força, o seu vestido, de folhos e rendas, passado a ferro. Outras, quando a Rosa, a criada, estava passando, a ferro, toda a roupa da casa, os meninos queriam ouvir as emissões infantis ou quaisquer outros recitativos. Com tudo isto, crescia o mau humor dos dois antagonistas que, um dia, por descuido da Rosa em arrumar o ferro no lugar próprio, os deixou muito juntos sobre a mesa. Foi uma calamidade! Começaram por descompôr-se mutuamente.

— «Seu intruso!» dizia o ferro. Vivia tão sossegado, tratando das minhas obrigações e veio você transtornar tudo com esse barulho infernal.»

— «Barulho infernal?! Ora o atrevimento!... (rugiu o outro.) Música! Música deliciosa é o que eu proporciono aos meus ouvintes. E ver como, às vezes, até põem os olhos em alvo beatificamente, deliciados com as minhas harmonias. E você que prazer dispensa aos seus donos?...»

— «Ora, senhor!... Não seja tolo! Eu sou o objecto indispensável em todos os lares, que veio substituir esses roncoiros colegas que, para aquecerem, era preciso encherem-lhe o bandulho de combustível, sujando tudo, inclusivamente a própria roupa que passavam, quando,



do seu bôjo, se não desprendiam uns carvãozinhos acêsos que a queimavam. E não admitiam carvão molhado, carqueja verde, etc, etc. E que dispêndio de tempo, olá!»

— «Pois sim. Eu queria ver se você seria capaz de, com todo o seu mérito, curar uma crise de neurastenia daquelas que atacam, por vezes, a nossa dona. O que você tem é ferro, seu ferro, por não poder medir-se comigo. Só o seu nome faz... ferro.»

Então, pulou o ferro no descanso.
— «Fique sabendo, seu *delicodôce*, que o meu nome tem mais valor que todas as suas cantigas. Ferro é para

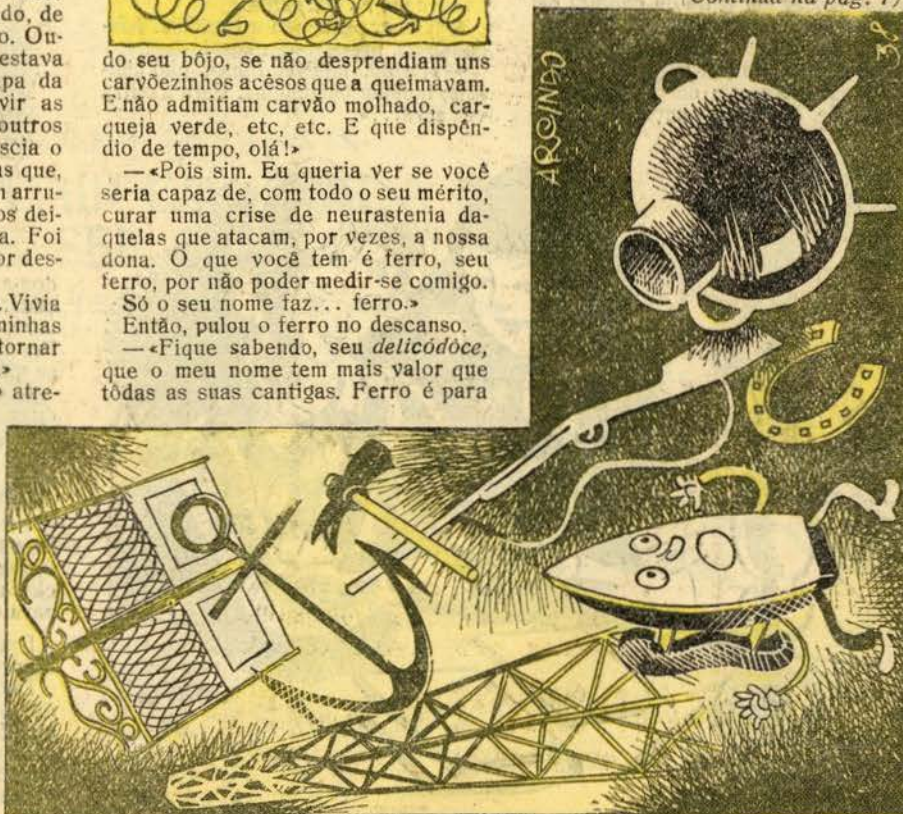
as donas de casa. Eu, que sou uma força, também sou procurado para obras de arte. Eu sou a âncora dos navios; eu sou a charrua do lavrador; eu sou a panela dos lares humildes.

Sou procurado e apreciado em todas as classes. Sou útil á humanidade, enfim!»

— «Até para andar sob as patas dos cavalos...» interrompeu, desdenhoso, o aparelho da Rádio.

— «Sim; e com muita honra, porque sou útil, enquanto que você ficaria despedaçado ao menor esforço.»

(Continua na pag. 7)



AS DUAS IRMÃS

Por CARLOS AMOR



NINGUÉM diria, ao vê-las, que viviam numa extrema pobreza. Os seus vestidinhos eram velhos, remendados, mas o asseio e a beleza de

Maria e de Celeste, davam-lhes o encanto que lhes faltava.

Ao chegarem da escola, sentavam-se na soleira da porta, comendo uma cõdea dura de brõa, enquanto contavam à mãe as peripécias escolares desse dia. Depois, rindo e cantando, iam prestar pequenos serviços à vizinhança, que lhes retribuía a gentileza com pequenas maquiãs, as quais, ao fim da tarde, entregavam à mãe, satisfeitas por terem contribuído para remediar a falta do pai.

A noite, Maria e Celeste aproveitavam o tempo estudando à luz duma candeia fumarenta, enquanto a mãe costurava. Quando, mais tarde se deitavam, nunca se esqueciam de rezar a Deus, para que as não desamparasse.

Uma vez, ao voltarem da sua faina de fazer recados, vinham loucas de alegria. Rodearam a mãe, que beijaram. Depois, dando as mãos, começaram a dançar em volta da cadeira em que esta se encontrava. A boa senhora notou logo que havia novidade mas deteve-se de interrogar as filhas, para que pudessem dar largas à sua felicidade. Por fim, lançadas, senta-

ram-se aos pés da mãe, que sorria satisfeita.

— «Sabe, mãizinha, porque estamos tão contentes? Pois olhe, a senhora Ana do Casal deu-nos duas galinhas!»

— «Isto é, — (atalhou Maria, rindo do que dissera a irmã), — deu-nos dois ovos para que pusessemos junto aos demais, sob a galinha choca.»

Todos os dias as irmãs iam ao Casal, ver se os pintainhos já haviam saído da casca. Uma tarde, a ti'Ana, ao vê-las, chamou-as e disse-lhes:

— «Têm pouca sorte, minhas filhas; a galinha partiu os ovos quasi todos e, entre eles, os vossos!»



O que dissera a ti'Ana, fôra como se um ferro em brasa houvesse tocado em Ana e Maria. Os seus olhos ficaram rasos de água e a custo retinham os soluços na garganta.

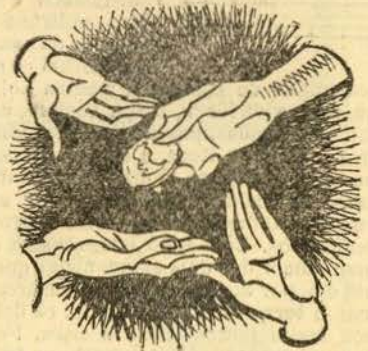
A ti'Ana, percebeu a tragédia. Afastando-as, procurava consolá-las:

— «Então, minhas filhas, não choram; tenham paciência... Para a outra vez será...»

— «Estamos-lhe muito obrigadas (retorquiu Maria, já mais serena) pela sua boa vontade. Mas sabe... é que nós... E' que nós queríamos, enfim, queríamos fazer criação de galinhas, para depois, com o produto da venda dos ovos, melhorar, quanto possível, a vida da nossa mãizinha. Assim foram-se as nossas esperanças!...»

— «Vamos, vamos, (dizia, confusa, a ti'Ana) são muito pequenas para trabalhar. Vão para casa e digam à vossa mãe que me venha falar; ela é bem mais nova do que eu e pode melhor cá vir do que eu ir lá... Mas que venha sem falta.»

Ao outro dia, foram as duas irmãs com a mãe ao Casal. A ti'Ana man-



dou-as entrar, visivelmente embaraçada. Procurava palavras para explicar o pedido que fizera sem as achar. Por fim, rompeu o silêncio que até ali se mantivera.

— «Olhe, (disse) vossemecê tem aí duas filhas que são duas joias... Uns diabretes capazes de fazer vibrar corações de pedra, quanto mais o meu que não é. Sou velha, vivo sozinha e tenho para aí casas a apodrecer sem ninguém fazer uso delas. Demais, eu preciso quem me ajude a tratar das galinhas e do resto da bicharada... Porque é que não veem para cá?...»

Deus não esquecerá as súplicas de Maria e Celeste...

Decorreram anos. Todos os pobres que passem pela Vila, vão, hoje, pedir auxílio às meninas do Casal, porque sabem que esse auxílio nunca lhes será negado. Elas não se tinham esquecido de que também haviam sido pobres.



DINARCO

ORGULHO DESFEITO

POR MANUEL COLARES PINTO



DINARCO

Oxalà que o mau destino
Nunca o obrigue a comer
O pão que o dêmo amassou.

Fui rico, tive um solar
E cavalos d'alta escola;
Minas d'oiro... (Que sei eu?)
E hoje já não posso andar
Passo fome e peço esmola;
Sou um reles pigmeu.

Tal qual o menino hoje é,

Orgulhoso até mais não,
Já eu fui... Sonhei ser conde,
Hoje sou da vil ralé;
Com fome... não tenho pão,
Quero dormir, não tenho onde.»

Isto dito, o pòbrezinho
começou a soluçar,
Sentando-se, extenuado,
E a dizer muito baixinho:

«O meu orgulho sem par,
É hoje bem castigado!»

Com os olhos rasos d'água,
Partiu p'ra casa o petiz,
A correr, a bom correr,
Pensando, cheio de mágoa:
«Então, quem nasce feliz,
Não o é até morrer?»

Voltando, pouco depois,
Chegou-se ao velho, o petiz
E ao ouvido lhe falou:
«Vamos para casa os dois...
Vais, agora, ser feliz,
Tudo o que é mau acabou.»

.....
Já lá vai tempo bastante
E eu, muitas vezes, suponho,
Quando os vejo a passear,
Numa alegria constante,
Que não passou de mau sonho
O que venho de narrar.

Por absoluta falta de espaço, não publicamos o nosso Concurso «Encontraí Rimas e Fixai Conceitos», pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

«Sai d'aqui, meu maltrapilho,
Vil, asqueroso empecilho,
Pois de ti eu tenho nojo!»
Falava assim um petiz
A um pobre velho infeliz
Que andava quasi de rojo.

O vèlhinho a estremecer,
Cheio de mágoa, còrou;
E volveu: «Oh meu menino,

COLABORAÇÃO INFANTIL

MAIS VALE CAIR EM GRAÇA ■ ■ DO QUE SER ENGRAÇADO

PELO MENINO AMADEU JOSÉ DE FREITAS, de 10 anos de idade.



DINARCO

O menino Madeu, (tal como os seus o tratam) é muito rico.

Entre os seus brinquedos tem um urso muito engraçado, de peluche, com uns olhos de vidro mas já muito velho e com muita falta de pêlo e um dos olhos arrancado.

Era o brinquedo de que mais gostava.

Quando ia para a escola era um martírio: não se queria separar do seu urso; chorava, gritava, e, muitas vezes, sua mãizinha o foi tirar à malinka dos livros. Dormia com êle e, sempre que estudava as suas lições, tinha que o ter em cima da secretária. Enfim, o urso para o menino Madeu era uma verdadeira mascote.

Ora, os seus padrinhos, sabendo do



caso, quando o menino Madeu fez sete anos, ofereceram-lhe um lindo urso muito grande, de pêlo brilhante e com dois olhitos muito verdes e faiscantes. Os padrinhos julgavam que iam encher o seu afilhado de alegria.

Qual não foi o espanto da mãe ao

(Continua na página 5)

PARA OS MAIS PEQUENINOS

EL-REI MATIAS

POR MANUEL FERREIRA



O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Por NELMA ESTEVES

JORGITO e Riquito, dois lindos meninos rabinos, pensaram, um dia, com muita maldade, assustar Maria, criada da herdade.

No seu quarto estreito, puseram, com jeito, muito de mansinho, um velho palhaço, maneta dum braço, bem escondidinho.

Jorgito e Riquito, são férteis de idéas; a meias, resolvem comprar com todo o dinheiro do seu mealheiro, barata lata de tinta, e pinta, que pinta, ei-os entretidos.

Puzeram-lhe, então, uns chifres compridos, e, com algodão



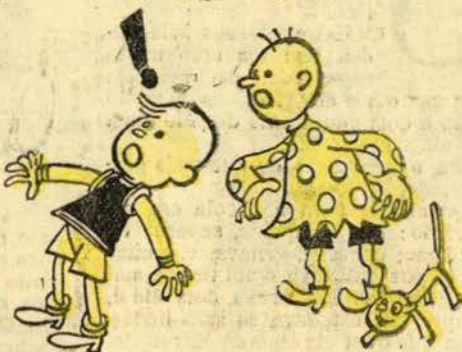
A longe, num país maravilhoso, existiu, há muitos anos, o rei Matias, cujo procedimento justificava o nome.

Viuvo, idoso, não tendo filhos, preocupado com a sucessão à coroa, o velho soberano resolveu abrir, entre o seu povo, um original concurso. Quem atinasse com os três quesitos de que este se compunha, e os pusesse em prática, subiria, por sua morte, ao trono. Se não adivinhasse, pagaria um impôsto.

Arautos reais percorreram as cidades, vilas, aldeias, apregoando; á porta das lojas afixaram-se editais régios, chamando a atenção do povo.

Movimentou-se o país, êsse longínquo país de maravilha. Desde o nascer ao pôr do Sol, passavam pelo castelo real pessoas que entravam, satisfeitas por julgarem ter acertado, e que saíam, tristes, pelo pagamento da multa, que era, depois, aplicada a obras de beneficência.

Vou-lhes, agora, dizer quais os quesitos do concurso. Matias, que era o primeiro matuto do seu reino, original e excêntrico, elaborara três bases, mesmo sem convocar a junta dos velhos sábios. Estes, quando as leram, acharam curiosíssima a idéa real: ir de joelhos, a uma distância de dez léguas; voltar, andando a pé, com as botas calçadas, trazendo dentro delas um grão de bico; transportar às costas um saco de



dum novêlo amarelo, comprida barbicha, rabicha.

Depois de arranjado,

o demo pintado, Jorgito e Riquito, com mil precauções, tal qual os ladrões, deixaram, por fim, êste manequim no quarto da moça, p'ra fazerem troça e rir a bom rir, deitando a fugir.

Porém...? Quem diria?! O velho palhaço, maneta dum braço, com dó da Maria, mesmo feito mono, com sono, começou a abrir sua boca enorme, boca desconforme, e desata a rir!

(Continua na pág. 5)



COSTUMES PORTUGUESES

TIPOS DA NAZARÉ



Terra em que Fuas Roupinho foi pelo demo tentado, ao surgir-lhe, no caminho, com a forma dum veado.

Terrinha de pescadores, de bom pargo e salmonetes... Eles com lindos barretes, camisas de muitas cores.

Elas um nadinha ariscas em face dum madrigal; de chapéu, lenço, avental e lindas saias às riscas.

pedras, com o dôbro do péso do concorrente.

Os leitores já estão calculando a aparente dificuldade do concurso.

Muitas pessoas, quando chegavam a três léguas, desistiam, já com os joelhos feridos. Outros, mais resistentes, regressavam, mas não podiam andar, pois o grão fazia-lhes doer os pés. Relativamente ao saco das pedras... nem falar nisso era bom.

Passaram-se dias e meses sem ninguém mostrar esperteza para herdar a corôa do telhudo monarca.

Porém, numa aldeia, afastada da cidade, vivia um camponês que, pela sua inteligência, tinha a alcunha de *Faisca*. Ao ler os quesitos, tanto matutou, tantas voltas deu ao miolo, que disse, certa tarde, decidido, para a família:

— «Esta noite, quando o galo cantar, ponho-me a caminho do castelo real. Estou pronto a perder o nome de *Faisca* se não conseguir decifrar a charada.»

Assim foi.

No dia seguinte, o espertalhão chegou ao castelo de Matias, acompanhado por um escudeiro. *Faisca* palmilhou as dez léguas, de joelhos, mas dentro



O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

(Continuação da página 4)

Jorgito e Riquito, espavoridos, de braços erguidos, fogem a chorar, põem-se a gritar...

Leitor, tomai tento na grande lição: O seu próprio invento deu-lhes a ilusão que o demo pintado feito p'ra assustar, tornou-se animado para os castigar!

Jámais façais pouco, vêde esta verdade; podeis ter o trôco da vossa maldade, sofrendo com isso pesar verdadeiro.

As vezes sucede virar-se o feitiço contra o feiticheiro!

Mais vale cair em graça do que ser engraçado

(Continuação da página 3)

ver que o menino Madeu brincava com o urso velho.

Então, a mãe perguntou-lhe se ele gostava mais do urso velho do que do novo. E qual não foi, de novo, o seu espanto ao ouvir a resposta do Madeu:

— «Eu minha mãe, não lhe sei explicar porque gosto mais deste ursito velho e estarrapado do que do outro que os padrinhos me deram. Talvez seja por o ter desde pequenino, pois a mamã já me tem dito:

«Mais vale cair em graça do que ser engraçado!»

de uma carroça que trouxera da aldeia. No regresso, veio a pé; porém, meteu nas botas um grão muito cosido. Trazia um saco de pedras que pesava apenas quatro quilos, o dôbro do peso que *Faisca* tinha... quando nasceu.

O bom monarca riu, largamente, da lembrança do camponês. Dizia, de si para si, que tivera uma boa idéia. As casas de caridade estavam a abarrotar de dinheiro das multas e, por morte de Matias, subiria ao trono uma pessoa ainda mais esperta do que ele. Porque, aqui para nós que ninguém ouve, o próprio rei Matias, que fizera o concurso, não tinha encontrado uma solução fácil para ele.

E aqui está como o *Faisca*, um rapazola do campo, simples mas esperto, subiu, anos depois, ao trono do rei Matias.

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

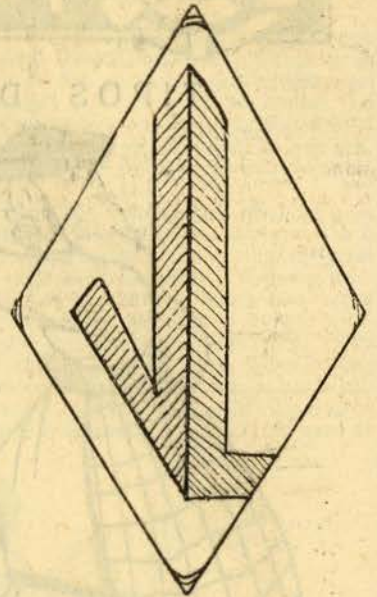
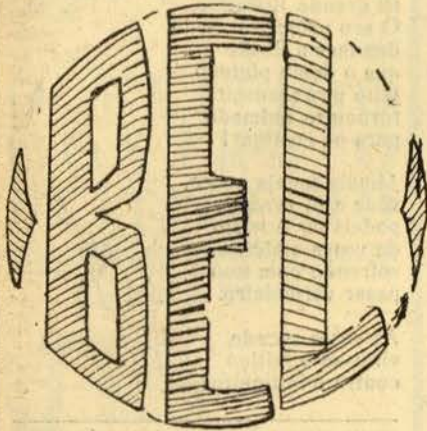
Querida Beatriz Ester

Não foi com a brevidade que esperavas mas chegou, enfim, o dia de satisfazer o teu pedido. Aqui tens os teus desejados monogramas. Oxalá eles te possam servir. Nota, porém, na recomendação que te quero fazer: Para a próxima vez deves acompanhar o teu pedido de mais algumas explicações, pois, como neste caso acontece, conforme o emprêgo a dar-lhe, assim, variará o risco e o tamanho do modelo.

Esses vão destinados a roupa de casa. No entanto, como o modelo é simples, caso os queiras aplicar em roupa branca, com pouco trabalho conseguirás reduzi-los.

As outras abelhinhas terão de ter paciência de esperar a sua vez, pois delas não se esquecerá a muito amiga

Abelha Mestre.



O BÊBÊ E O ANÃO

por ANTONIO DIAS MIGUEL

O bébé, rosado e loiro,
Um tesoiro do papá,
Desmancha os seus caracóis,
Tão anelados, côr de ouro,



Logo que a tia Zázá
Acaba de lhe contar
O conto dos rouxinóis
E o das "Fadas do luar"

"Mas que maçada, menino,
Não aborreça a titi;
Se continua sem tino
nunca mais gosto de si!
E a carinhosa vèlhita
Acaricia, ralhando,
Essa linda cabecita
Que nunca acata o seu mando.

O traquinas do bébé,
Tão travêssô quanto loiro,
Só se cala quando ela
Conta o conto do "mé-mé"
Ou o das três maçãs de ouro.
Adormece, enlim, depois
Do conto da "caravela"
E dum, tão lindo, o dos bois.

Como êle dêsse gostava!
Ouvia-o todos os dias
Pois que nunca se enfadava!
E o das manas cotovias?
E o da pena, zum, zum, zum,
Negrinha como carvão,
Trazida pelo Anão
Do seu qu'rido Pim-Pam-Pum?!...



Porque será, titizinha,
Que o «Pim-Pam-Pum» já não traz
Os contos do Sabichão?
"A" sofredora peninha
responde a tia: — "É capaz
De não poder com a fama,
Se sofre do coração,
Pode até cair de cama!"

— "Mas volta breve, titi?!"
Indaga logo a criança.
— "Correrá terras de França
E nunca mais voltará,
Segundo o que ontem ouvi,

(Continua na pag. 7)

Curiosidades

JOGOS PARA AS NOITES DE INVERNO

São sempre agradáveis os jogos novos para entreter os longos serões de inverno e este, que lhe vamos dar a conhecer, é bem próprio para este efeito, podendo tomar parte nele qualquer número de jogadores.

O jogo dos Substantivos, como lhe chamaremos, é, ao mesmo tempo divertido, e instrutivo, como vão ver. Cada jogador toma uma folha de papel e um lápis, e cada um, por sua vez, lembra um substantivo por exemplo, «Cidade», «Flôr», «Animal», «Frutos», até que tenham sido escolhidos vinte substantivos, os quais se escrevem por uma coluna abaixo, da seguinte maneira:

- Cidade
- Flôr
- Animal
- General
- Pássaro
- Fruta
- Illa
- Arte
- Arvore
- Pintor
- Autor
- Livro
- Bebida
- Côr
- Jôgo
- Poeta
- Rio
- Mineral
- Compositor
- Instrumento musical

Quanto mais variada for a escolha dos substantivos, melhor.

Um dos jogadores escolhe, então, uma letra e combina-se um certo tempo, dez minutos ou mais, conforme se julgar conveniente, no qual os jogadores arranjam tantos nomes principiando pela letra determinada, quantos lhe venham à ideia, para acrescentar à lista dos substantivos, da seguinte forma:

Supondo a letra escolhida ter sido um «C»

A D I V I N H A



— Meus meninos:—Vejam se descobrem onde se encontra o cántaro desta rapariga.

Cidade	Coimbra
Flôr	Cravo
General.....	Cesar
Animal.....	Cão
Pássaro.....	Canário
Fruta	Cereja
Illa	Creta
Arte	Canto
Arvore.....	Carvalho
Pintor.....	Columbano
Autor.....	Castilho
Livro.....	Campo de Flôres
Bebida.....	Cerveja
Côr	Carmezim
Jôgo.....	Croquet
Poeta.....	Camões
Rio.....	Cca
Mineral.....	Carvão
Compositor.....	Chopin
Instrumento musical..	Cornetim

No fim dos dez minutos ou do tempo estabelecido, seja elle qual for, a pessoa que escolheu a letra, lê a sua lista, lendo os outros jogadores as suas a

seguir e marcando os seus pontos à medida que vão lendo.

Os pontos marcam-se da seguinte maneira:

Se todos os jogadores tiverem posto a mesma cidade (ou o mesmo animal, ou o mesmo rio ou a mesma fruta etc.) não marcam nada. Se todos lêrem o mesmo nome, menos um só, então marcam todos um ponto cada um, excepto a pessoa que leu o nome diferente porque esse marca um ponto por cada jogador cujo nome difere do seu. Por exemplo, havendo seis jogadores, marca cinco.

Se os nomes escritos por dois jogadores correspondem entre si, devem marcar quatro pontos cada jogador, enquanto os restantes quatro jogadores deverão marcar, cada um, cinco pontos, caso tenham escrito todos eles nomes diversos uns dos outros, e assim por diante.

Por consequência, quanto menos vulgares os nomes tanto melhor, pois quem marcar o maior número de pontos é quem ganha.

CADA QUAL para o que NASCE (Continuado da pág. 1)

Basta só ver como são os nossos nomes. O meu é sinónimo de força, valentia. Até se emprega muito a frase «rijo como ferro»; enquanto o seu nome faz fanhoso até quem o pronuncia. É sinónimo de moleza. Veja se não faz sono? Te... le... fun... ken!... E o ferro arrastava, propositamente, as sílabas, espaçando-as o mais possível.

A mamã Tomada, que estava descansando das suas fadigas, acordou sobresaltada, mas não conseguiu apaziguá-los nem impedir que eles se engalfinhassem.

No dia seguinte, vieram encontrá-los com seus fios terrivelmente embaraçados, estragados, e o ciclópico (1) olho do Telefunken sem luz. Resultado: foram parar os dois contendores

ao mesmo hospital, isto é:— a casa do electricista, e consta que, mesmo depois de pensados, ainda enviezaram olhares terríveis um para o outro.

Ao voltarem, porém, foram recebidos com tais demonstrações de alegria que compreenderam quanto eram igualmente estimados e a verdade deste axioma está no provérbio que diz: «Nem só de pão vive o homem» o qual, como os meus meninos devem saber, quer dizer que, a par das coisas úteis, são também necessárias as agradáveis ao espírito e, nesta conformidade, resolveram reconciliar-se. E fizeram bem, não acham, meus meninos?

(1) De Ciclope, gigante fabuloso com um só olho na testa.

O B É B É E O A N ã O

(Continuado da página 6)

Porque tu as unhas róis,
Ralas a tia Zázá,
Desmanchas os caracóis...

— «Se eu não tornar a ser máu,
Ele volta? Então, já vou
Praticar boas acções!
Não te ralo mais e dou
Ao Tareco um carapáu;
Não desmancho os caracóis...
E em vez de um ou de dois,
Chegam logo mil Anões!»

Uma conduta exemplar
Tem tido o nosso bebé!
Já o não o ouvem chorar,
Já não entorna o café!...

Antes, muito confiado,
Na chegada do Anão,
O bebé atarefado
Só cuida da recepção!

CURIOSIDADES

A descendência de um casal de coelhos, pode alcançar, em quatro anos, o número de 1:250.000 cabeças.

O mais antigo órgão de tubos, foi construído em 1240, e existe na ilha Gotland, no mar Báltico.

Um artista afeiçoado às estatísticas, afirmou que, entre 4.780 pessoas, sómente uma possui nariz perfeito.

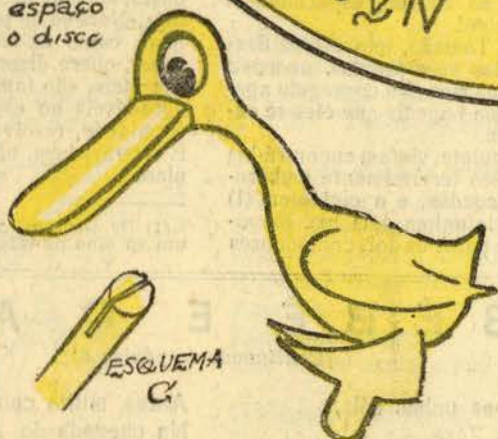
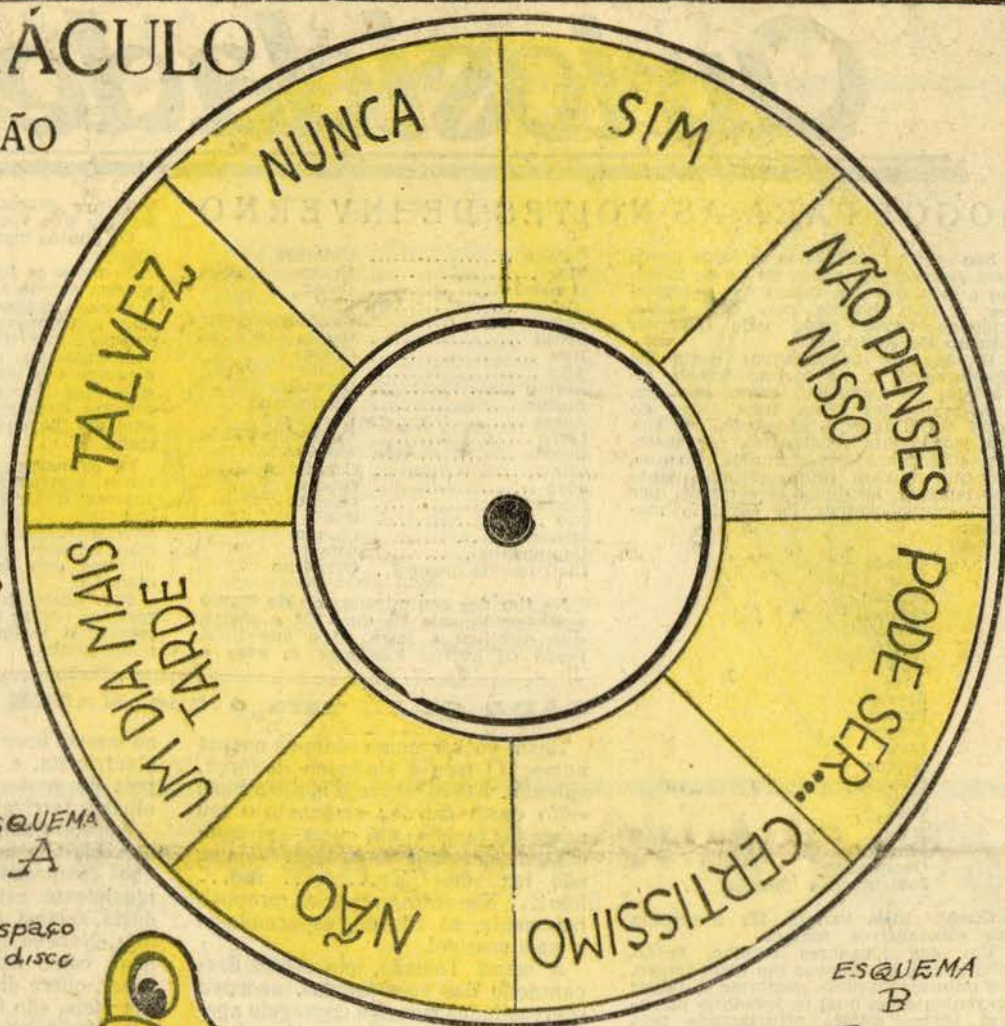
UM ORÁCULO

CONSTRUÇÃO
PARA
ARMAR



ESQUEMA A

Neste espaço
gira o disco



ESQUEMA C



ESQUEMA B

INSTRUÇÕES

Caros Amiguinhos:

Para variar, o «Pim-Pam-Pum» dá-vos hoje a construção de um oráculo.

A sua armação é muito fácil, como vereis. Em primeiro lugar, cole, em cartão forte, o disco onde estão escritas as respostas e abram um orifício no centro. O patinho deve ser colado em cartolina.

Feito isto, arranjem um pauzinho redondo, com o comprimento aproximado de 15 centímetros, num dos topos do qual fareis uma ranhura (esquema C).

Neste pauzinho, tereis enfiado, previamente, uma rodinha cortada de um

carro de linhas vazio, de forma a ficar bem apertado. (Observem o esquema A). Sobre esta rodinha, assenta o disco de papelão, passando o pauzinho pelo orifício deste; depois, enfia-se outra roda de carrinho no pauzinho, ficando, assim, o disco entre as duas rodinhas, as quais devem ter entre si uma folga suficiente para que o disco gire livremente.

É, agora, a altura de apertar os pés do nosso patinho na ranhura do pauzinho, de forma que o seu bico fique a pequenina distância do disco, formando uma espécie de ponteiro.

Prontinho! Está a engenhoca acabada!

E, agora... por exemplo: A Miquitas quer saber se ficará bem no próximo exame do 5.º grau. Não tem mais do que agarrar, com uma das mãos, na parte inferior do pauzinho, conservando a engenhoca o mais possível horizontal e, com a outra, dar um impulso rotativo ao disco (esquema B).

Este dá umas tantas voltinhas, — (o coração da Micas está mais pequeno do que uma avelã) — e, a certa altura, resolve parar.

Nesta momento é que o nosso patinho prova a sua utilidade; pois que, com o bico, apontou a resposta à pergunta da Miquitas. É engraçado, não é?

Não devem esquecer, porém, que somente se deve dar a este oráculo um crédito muito limitado.